
Entrada ao vivo no telejornalismo brasileiro: uma análise da relação entre as transformações tecnológicas e a incidência do formato de notícia¹

Vanessa Cristina BACKES²

Aline Roes DALMOLIN³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

A entrada ao vivo é um formato de notícia reconhecido por sua capacidade de aportar narrativas de acontecimentos em curso no momento da veiculação do telejornal. Porém, no contexto de digitalização, a sua facilitada realização tem agregado novas finalidades e funções ao seu uso (Backes, 2024). O trabalho analisa a adoção da entrada ao vivo considerando as mudanças tecnológicas promovidas ao longo das décadas, apontando as principais transformações. A revisão bibliográfica identifica o uso da entrada ao vivo de maneira estruturante em telejornais brasileiros na atualidade, justificado pela simplificação de sua capacidade técnica de realização.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo; Entrada ao vivo; Tecnologia; Ecologia da Mídia.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No telejornalismo, as notícias - narrativas sobre os acontecimentos do mundo real - são tradicionalmente conformadas através de reportagens (VTs), notas, comentários, entradas ao vivo de repórteres, etc. Essa maneira de estruturação dos telejornais, em uma perspectiva ecológica das mídias, transforma-se de acordo com o ambiente midiático de cada época, considerando o contexto tecnológico, histórico, social, cultural e mercadológico (Canavilhas, 2015; Gomes, 2011). Na atualidade, com a digitalização e miniaturização da tecnologia e a possibilidade de transmissão de dados móveis pela internet (Firmino, 2015), a entrada ao vivo tem ganhado mais espaço nos telejornais brasileiros enquanto um formato de notícia predominante e preferencial, principalmente em telejornais regionais, matinais, populares e de canais fechados, podendo ser realizada com diferentes finalidades, funções e formatos (Backes, 2024).

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, no XXIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). e-mail: backes.vanessa@gmail.com

³ Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. e-mail: aline.dalmolin@ufsm.br

Por entrada ao vivo (ou vivo)⁴, entendemos um formato de notícia inserido no telejornal, constituindo-se da participação do repórter enunciando informações, com captação de imagem e som simultânea à transmissão, diretamente no local de onde a enunciação é realizada, na externalidade do estúdio, podendo coincidir com o lugar no qual o acontecimento se desenvolve (Backes, 2024).

Nem sempre isso foi assim. Nas primeiras décadas do telejornalismo brasileiro, não havia meios técnicos para a realização de entradas ao vivo. Apenas nos anos 1970 sua realização se tornou possível (Memória Globo, 2000), mas a necessidade de um aporte técnico ostensivo, e portanto, de expressivos recursos financeiros para sua execução, fez com que o formato demorasse alguns anos a mais para se popularizar. Durante décadas, as entradas ao vivo em telejornais exigiam a correspondência do acontecimento a ser noticiado a uma série de critérios de noticiabilidade específicos, capazes de justificar a escolha de um formato caro e dispendioso. Não à toa que, até hoje, estudantes de jornalismo e profissionais conhecem a entrada ao vivo como um modelo de notícia utilizado para a narrativa de acontecimentos em curso no momento da veiculação do telejornal, quando o repórter narra em tempo real o desenrolar de uma ocorrência, no mesmo momento em que o programa está no ar, conforme definido em manuais profissionais (Paternostro, 1999; Rezende, 2000; Curado, 2002).

No entanto, as transformações tecnológicas que facilitaram a realização de entradas ao vivo na atualidade também promoveram novas maneiras de organização funcional nas redações, exigindo dos profissionais habilidades específicas na construção de narrativas sobre o real, imprimindo novas características à maneira de contar as histórias e, até mesmo, mudando critérios para escolha de determinados formatos em relação a outros.

Na abordagem ecológica da mídia, os processos midiáticos são compreendidos a partir de sua materialidade e das mudanças sociais e culturais ocorridas em função dela (Strate; Braga; Levison, 2019). O ambiente midiático contemporâneo tem como valores predominantes a não linearidade, a conexão em rede, a participação, a imersão, etc., identificadas como características-chave das novas mídias na era da tecnologia digital

⁴ Entendemos "entrada ao vivo" e "vivo" como sinônimos, portanto, utilizaremos ambos os termos de forma indistinta ao longo deste texto.

(Strate; Braga; Levison, 2019). Por consequência, as “velhas mídias” delas buscam se aproximar, em seu processo de adaptação e de sobrevivência no ecossistema midiático.

Nosso objetivo aqui é analisar as transformações na execução da entrada ao vivo no telejornalismo brasileiro ao longo do tempo sob a perspectiva das inovações tecnológicas promovidas desde então. Assim, apresentamos um panorama abrangente das práticas da entrada ao vivo e das tecnologias de cada época, a partir das quais o formato foi realizado para construção de narrativas síncronas e assíncronas em relação à temporalidade instantânea do telejornal.

DAS UPJs AOS MOCHILINKS: MINIATURIZAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DA TECNOLOGIA

Apesar da televisão ser marcada por sua vocação às transmissões ao vivo, nem sempre foi possível realizar entradas ao vivo de repórteres nos telejornais brasileiros. Aliás, foram mais de duas décadas de telejornalismo no país sem existir viabilidade tecnológica para esse formato. Apesar de estreiar no Brasil em 1950, somente em meados de 1970, as mudanças técnicas possibilitaram a realização de vivos. Uma dessas mudanças foi a chegada das câmeras portáteis do sistema *U-Matic*, tecnologia que utilizava fitas mais estreitas, acondicionadas em estojos (Silva, 2019). Para captar as imagens eram necessários a câmera e o *vt*, que funcionavam ligados por cabos. A gravação de externas em fitas magnéticas tornou o sistema de edição mais rápido e dinâmico. A integração desses aparelhos era chamada de ENG (*Electronic News Gathering*) ou UPJ (Unidade Portátil de Jornalismo), com todos esses equipamentos instalados em veículos como vans ou micro-ônibus, possibilitando a mobilidade das equipes para o registro de acontecimentos em diversos lugares (Silva, 2019).

Já a transmissão do sinal dava-se via satélite, principal forma de estabelecer cobertura de vídeo ao vivo. Para alcançar tal cobertura, por exemplo, estas emissoras poderiam pagar uma taxa mensal dispendiosa a uma empresa privada de serviços de satélite por um pacote completo de ligações. Caso contrário, poderiam comprar os seus próprios caminhões de transmissão por satélite e pagar às organizações operadoras de ligações por satélite uma taxa horária de uso da antena. Ou poderiam também contratar os serviços de engenheiros privados de *uplink* e seus caminhões de satélite, com uma taxa adicional de tempo de antena por hora para as diferentes empresas operadoras de

link de satélite (Ilan, 2021). Por essa dificuldade, a cobertura telejornalística através de entradas ao vivo era bastante limitada e criteriosa nos primórdios do formato, destinando-se exclusivamente aos acontecimentos mais importantes, veiculados pelas emissoras mais estruturadas financeiramente.

Em 1977, coube à repórter Glória Maria e ao cinegrafista Roberto Padula, da TV Globo, realizarem a primeira entrada ao vivo da televisão brasileira sobre o engarrafamento na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro, em uma edição do Jornal Nacional. Ao Memória Globo (2000), a jornalista Glória Maria relatou a escolha do engarrafamento como pauta para a entrada ao vivo em razão do apelo visual das luzes dos veículos enfileirados no trânsito carioca exatamente no horário de veiculação do programa. Ou seja, a participação se deu com o intuito de mostrar um acontecimento em curso, síncrono ao momento de veiculação do programa, instantâneo à transmissão e recepção.

Nos anos 1990, com as tecnologias popularizadas entre as empresas de comunicação, as entradas ao vivo de repórteres tornaram-se ferramentas importantes na valorização do “jornalismo de rua” em detrimento do “jornalismo de estúdio” (Rezende, 2000). A fase do telejornalismo *all news* (Silva, 2019), a partir de 1991, representa importante momento de valorização dos vivos, nos canais especializados de notícias. Além da TV Globo com o canal *Globo News*, outras redes de televisão criaram suas emissoras em formato *all news*: a Rede Bandeirantes com a *Band News* e a Rede Record com a *Record News*, transmitindo seu sinal também em TV aberta (Silva, 2019).

A partir dos anos 2000, com a implementação do sistema de televisão digital (Mattos, 2010), as rotinas produtivas de captação e edição analógicas passaram a ser substituídas por tecnologias digitais. Nessa fase, do telejornalismo convergente (Silva, 2019), ocorreu a digitalização do processo produtivo com captação digital e edição não-linear. Além disso, os *modems* de transmissão de dados audiovisuais facilitaram a realização de entradas ao vivo de repórteres, já que funcionam interconectados a dispositivos menores, oferecendo estabilidade de sinal mesmo com equipes de reportagem em deslocamento. A tecnologia, lançada comercialmente em Israel em 2008 e popularizada no Brasil em 2015, possibilitou a transmissão de vídeo baseada em IP (*Internet Protocol*), utilizando redes 4G e 5G para envio direto de imagens e sons às emissoras de televisão (Mota, 2019). A principal diferença em relação à transmissão via

satélite está na portabilidade, já que os equipamentos disponíveis são tão pequenos que podem ser carregados nas mãos ou em uma mochila (*mochilinks*). Quando essa tecnologia foi incorporada, primeiramente com a utilização de *modem* para câmeras profissionais e, posteriormente, com a utilização de aplicativos instalados em *smartphones*, bastou o acesso ao sinal de internet para a realização de entradas ao vivo nos telejornais.

É verdade que o sinal de internet, principalmente em cidades distantes dos grandes centros, nem sempre é de qualidade, produzindo uma discriminação entre os locais onde é possível realizar a cobertura ao vivo e onde não é. Porém, onde há sinal, a equipe de reportagem consegue realizar a entrada ao vivo com a utilização desses equipamentos portáteis que garantem maior mobilidade. Dessa maneira, qualquer história pode ser contada ao vivo, produzindo uma tendência de reportar ao vivo decorrente da capacidade tecnológica de fazê-lo (Casella, 2013).

Nesse contexto, o telejornalismo tem experimentado uma nova transformação, caracterizada pela crescente adesão às entradas ao vivo de repórteres, identificada principalmente em telejornais matinais, regionais, populares, de emissoras menores ou canais *all news*. Nessas entradas, os programas adotam uma linguagem menos formal e amplamente fundamentada na oralidade e na pessoalidade, mesmo diante do acesso a tecnologias mais sofisticadas de edição. Os critérios anteriormente vigentes de hierarquização do noticiário, entre os mais ou menos importantes, passam a ser atravessados pela lógica da capacidade técnica de reportar ao vivo e dos interesses mercadológicos e econômicos de baratear os custos de produção (Backes, 2024).

Dessa maneira, a lógica da produtividade atravessa a decisão dos telejornais em aderir, preferencialmente, a determinado formato de notícia, engendrando uma rede composta por equipes de reportagem operando equipamentos de transmissão instantânea de sinal audiovisual e disponíveis para realizarem entradas ao vivo reiteradamente, dando sustentação a programas diários longos, como os citados acima. A estrutura de produção do noticiário através de entradas ao vivo realiza-se, nesses casos, mesmo diante de acontecimentos com temporalidade assíncrona à veiculação do programa, através de narrativas de fatos passados ou futuros (Backes, 2024), aproveitando-se da simplificação representada pela transmissão digital de sinal e pela portabilidade dos

equipamentos necessários a esse modelo produtivo, evitando inclusive, etapas de edição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrada ao vivo foi, nos primórdios do telejornalismo brasileiro, um formato de notícia utilizado para a realização de narrativas sobre acontecimentos em curso no momento da veiculação dos telejornais. No entanto, esse recurso exigia das emissoras grande investimento financeiro, já que a sua viabilização técnica necessitava de equipamentos ostensivos, envolvendo grande número de profissionais para sua realização. Era preciso que os acontecimentos eleitos para serem noticiados em entradas ao vivo correspondessem a uma série de critérios de noticiabilidade que justificassem sua execução.

No contexto de digitalização e portabilidade tecnológica, a facilidade de realização das entradas ao vivo tem agregado novas finalidades e funções ao seu uso (Backes, 2024). Com o barateamento e a facilitação do processo produtivo dos vivos, o teor do acontecimento a ser noticiado deixa de ter tanta importância na tomada de decisão pelo formato, e o vivo passa a predominar, em muitos casos. A lógica da produtividade e do barateamento dos custos de produção faz com que a entrada ao vivo torne-se inflacionada em certos programas, principalmente nos matinais, regionais, populares, de emissoras menores e nos canais *all news*. Com isso, as entradas ao vivo cada vez mais ocupam papel estruturante, justificado pela simplificação de sua capacidade técnica de realização.

REFERÊNCIAS

- BACKES, V. C. O vivo no telejornalismo: uma tipologia de finalidades, funções e formatos. **Tese de Doutorado**. 257 páginas. (Comunicação Midiática) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação / UFSM, Santa Maria, 2024.
- CANAVILHAS, J. Nuevos medios, nuevo ecosistema. **El profesional de la información**. Espanha, v. 24, n.4, p.357-362, 2015.
- CASELLA, P. Breaking news or broken news? Reporters and news directors clash on “black hole” live shots. **Journalism Practice**, Routledge, p.362-376, 2013.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia a dia de quem faz telejornalismo**. São Paulo: Alegro, 2002.

FIRMINO DA SILVA, Fernando. **Jornalismo Móvel**. Salvador: Edufba, 2015.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de análise do telejornalismo. *In*: GOMES, Itania Maria Mota (org). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. EDUFBA: Salvador, 2011. p.17-47.

ILAN, J. We now go live: digital live-news technologies and the “reinvention of live” in professional TV News Broadcasting. *In*: **Digital Journalism**. Taylor & Francis Online, v. 09, p. 481-499, 2021. Disponível em:
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21670811.2021.1886862?needAccess=true>.
Acesso em: 25 fev. 2024.

MATTOS, S. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 5 ed., 2010.

MEMÓRIA GLOBO. Depoimento Glória Maria: Primeira entrada ao vivo, em cores, no Jornal Nacional. Entrevista realizada em 24 de agosto de 2000. Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/8952623/>. Acesso em: 25 fev. 2024a.

MONTAÑO, S. O tempo real do Justin TV: apontamentos sobre o sentido da transmissão ao vivo na web. XXXIII Encontro Anual da Compós. Universidade Federal do Pará. 27 a 30 de maio de 2014.

MOTA, A. **Jornalismo Live Streaming: um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo do Facebook**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2019. Disponível em:
<https://mapeamentocultural.ufba.br/dissertacoes-teses/jornalismo-live-streaming-um-estudo-das-apropriacoes-jornalisticas-da-tecnologia> Acesso em: 25 fev. 2024.

_____. Jornalismo Live Streaming: histórico, proposições e desafios das notícias em tempo real nas mídias sociais. *In*: SILVA, M.P; BACCIN, A.; STORCH, L. **Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de pandemia**. Ed. 01. Brasília: SBPJor, 2021. p.99-119.

PATERNOSTRO, V. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REZENDE, G. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SILVA, Edna de .Mello. Fases do telejornalismo: uma proposta epistemológica. *In*: ROCHA, Leandra Vidigal; SOARES, Sérgio Ricardo (org). **Comunicação, jornalismo e transformações convergentes**. Palmas: EDUFT, 2019. p.27-35.

STRATE, L.; BRAGA, A.; LEVINSON, P. **Introdução à Ecologia das Mídias**. Rio de Janeiro: Ed.PUC Rio, 2019.